

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 100 ★ Nº 33.253

SÁBADO, 18 DE ABRIL DE 2020

R\$ 5,00

Para 64%, demitir Mandetta foi erro

Ex-ministro deixa o governo com 70% de aprovação, e avaliação de Bolsonaro ganha fôlego, aponta pesquisa Datafolha



Mandetta usa cotovelo para cumprimentar Bolsonaro e o sucessor, Teich. Fotos Pedro Ladeira/Folhapress

A demissão de Luiz Henrique Mandetta do Ministério da Saúde pelo presidente Jair Bolsonaro, em meio à pandemia do novo coronavírus, foi reprovada por 64% dos brasileiros, mostra pesquisa do Datafolha feita ontem por telefone. O levantamento aponta empate técnico entre os que acreditam que a condução da emergência sem Mandetta vá piorar (36%) ou melhorar (32%).

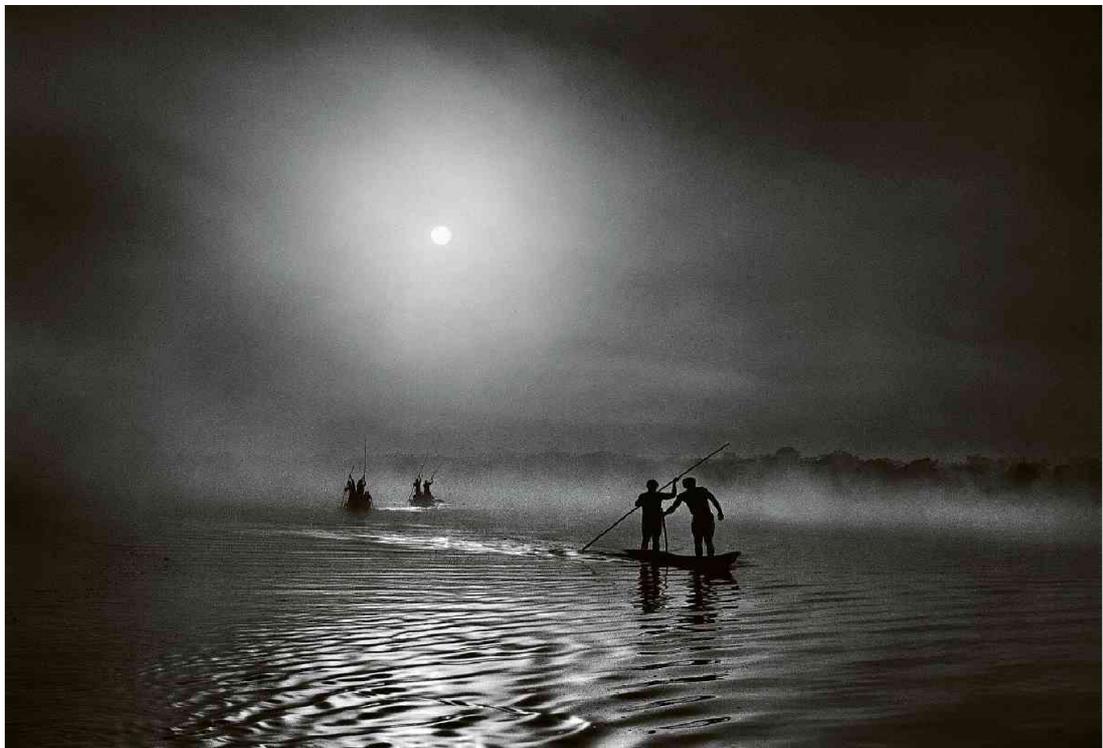
O ex-ministro, substituído pelo oncologista Nelson Teich na quinta-feira (16), sai do governo federal com forte avaliação positiva (70%). A sondagem revelou ainda um estancamento na erosão da imagem do presidente como gestor da maior crise de saúde pública deste século. Sua aprovação oscilou positivamente, dentro da margem de erro, de 33% em 1º a 3 de abril para 36% agora.

Bolsonaro continua mais reprovado por mulheres (41%), mais ricos (48%) e mais instruídos (46%). Governadores permanecem bem avaliados — 54% ótimo ou bom. O índice, contudo, oscilou para baixo, dentro da margem, ante a pesquisa anterior (58%). Poder A4

País já tem mais de 2.000 mortos e 33.682 casos confirmados Saúde B1

SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA

Diante de casos de Covid-19 registrados em municípios próximos, tribos da Terra Indígena do Xingu, em Mato Grosso, estão mantendo os acessos fechados. Especial



Índios waurás vão à pesca na lagoa Piyluga, que dá nome a comunidade dentro da Terra Indígena do Xingu, no norte de Mato Grosso. Sebastião Salgado

EDITORIAIS A2

Mergulho chinês

Acerca de queda do PIB do gigante asiático no 1º tri.

Menos mortes

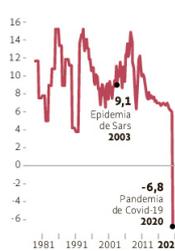
Sobre redução do número de homicídios em 2019.

ATMOSFERA B4

São Paulo hoje



PIB da China apresenta queda histórica de 6,8% no primeiro trimestre
Economia foi afetada pelo coronavírus. Mercado A16



STF dá aval a pacto pessoal por jornada e salário menor

O plenário do Supremo decidiu que empresas podem fazer acordos individuais de corte de salário e redução de jornada, conforme MP editada pelo governo.

Esses acertos têm efeito imediato e não podem ser alterados pelo sindicato da categoria, independentemente de futura negociação coletiva. Mercado A15

Senado barra minirreforma e aprova PEC do Orçamento

O Senado não votou ontem a MP do Emprego Verde e Amarelo, que deve caducar nesta segunda (20). Espécie de minirreforma trabalhista, a medida reduz encargos para contratar jovens iniciantes.

A Casa aprovou em segundo turno a PEC do Orçamento de guerra, que volta à Câmara. Mercado A15

São Paulo tem quarentena estendida até 10 de maio

O governo do estado de SP estendeu ontem a quarentena até 10 de maio, com proibição de atendimento presencial de comércios e restaurantes e fechamento de bares e casas noturnas.

Nos últimos dias, no entanto, prefeitos do interior emitiram decretos liberando a reabertura parcial ou total do comércio. Saúde B2

Presidente fala em reabrir comércios na posse de Teich

Jair Bolsonaro defendeu, na posse de Nelson Teich (Saúde), reabrir fronteiras e comércios. "Essa briga de começar a abrir para o comércio é um risco que eu corro. Porque, se agravar, vem para o meu colo." Para evitar protagonismo do novo ministro, o presidente quer que ele seja tutelado por militares. Saúde B1

QUARENTENA EM SP

Comércio Há 25 dias
Escolas Há 25 dias

Saiba o que abre e o que fecha em cada estado em folha.com

AUDIÊNCIA/MÊS

PÁGINAS VISTAS 404.556.455
VISITANTES UNICOS 69.769.423



Varejistas aceleram estratégias digitais durante pandemia A13

Óbitos em Wuhan aumentam em 50% após revisão de dados B6

Brasil registra primeiro presidiário vítima do coronavírus B10

Ilustrada B15

Juntos em casa

Lady Gaga comanda hoje o festival One World: Together At Home, megaevento para arrecadar recursos contra o vírus. Amanhã é a vez de Roberto Carlos, que faz sua primeira live.

Mauro Zafalon, Ódio agrícola quer ministra fora

Surge uma versão agrícola do gabinete do ódio, voltada contra a China, a principal compradora de alimentos do país. Para essa minoria, é hora de mirar em Tereza Cristina, vista como não defensora do agronegócio. Mercado A16

Com ruas cheias, Brasilândia lidera mortes por vírus

Com o maior número de mortes confirmadas ou sob suspeita de coronavírus em São Paulo (54), a Brasilândia, distrito pobre na zona norte da capital, mantém a rotina de ruas cheias e comércios não essenciais abertos. Saúde B2

Ministro passa 1º dia em reuniões sob vigilância

Em seu primeiro dia, Nelson Teich adotou uma postura discreta e teve reuniões com a equipe da pasta acompanhado de um assessor de comunicação do Planalto. Ele dispensou a entrevista de atualização sobre a pandemia. Saúde B1

SEBASTIÃO SALGADO NA AMAZÔNIA



Índios waurás vão à pesca na lagoa Piyulaga, que dá nome à sua comunidade

Xingu fecha fronteiras para evitar chegada do coronavírus

População indígena no norte do Mato Grosso foi dizimada por outras epidemias, a primeira delas no século 16; sanitaria que trabalha na região prevê 'situação explosiva' e diz que cidades vizinhas já têm infectados

Leão Serva

CANARANA (MT) A um ano de completar seis décadas de criação, a Terra Indígena do **Xingu**, implantada no coração do Brasil, enfrenta os riscos provocados pela chegada da pandemia de Covid-19.

Os prognósticos indicam uma "situação explosiva" em decorrência da fragilidade dos índios diante de novas doenças, da carência do sistema de saúde e também do próprio modo de vida tradicional, com compartilhamento constante de casas e refeições, além da facilidade de acesso dos municípios vizinhos ao interior do território demarcado.

"Não chegou ainda à terra indígena, mas há um risco grande de chegar logo. Nove cidades da região têm um intercâmbio intenso com as aldeias. Há muitos indígenas vivendo nas cidades", afirma o médico Douglas Rodrigues, da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

A recomendação, segundo o sanitaria, que se dedica à pesquisa e ao atendimento médico dos xinguanos desde o início dos anos 1980, é "quem está fora não entra e quem está dentro não sai". "Os índios estão mantendo as entradas fechadas."

Mas sua previsão é que a Covid-19 entre no **Xingu**. "A epidemia está chegando perto, com casos registrados em cidades vizinhas", diz o médico. "Isso poderá provocar uma situação explosiva. Mas a maioria são casos

sem maior gravidade, que uma boa equipe médica na área poderá cuidar. Os casos graves terão que ser tratados nas cidades, dependendo da capacidade do sistema de saúde." Outra preocupação, segundo Rodrigues, é com os agentes de saúde que atuam no **Xingu**.

"Eles trabalham 20 dias no campo (o **Xingu**) e têm 10 dias de folga. Agora, terão que fazer uma quarentena de 14 dias antes de voltar ao **Xingu**. Isso conta com o trabalho? Onde vão fazer quarentena? Como vão ficar sós? Isso é um risco."

Se a previsão de Rodrigues se confirmar, não será a primeira vez que o **Xingu** viverá uma epidemia. Desde a chegada dos europeus à América, a região onde fica aquela terra indígena já sofreu diversas epidemias, a primeira delas no final do século 16. Virus contraídos no litoral do país se espalharam pelo interior antes mesmo de conquistadores portugueses dominarem o centro do Brasil, provocando uma devastação chamada cataclismo biológico. Vários, sarampo e gripe reduziram a população xingua em quase 99%, fazendo desaparecer grandes cidades.

Os atuais xinguanos, descendentes dos sobreviventes daquele cataclismo, são cerca de 6.000 índios, cuja população vem crescendo desde os anos 1960, quando algumas etnias praticamente desapareceram.

Antes do anúncio da atual epidemia de coronavírus, o **Xingu** já se

preocupava com as ameaças representadas pelo desmatamento radical das áreas verdes em seu entorno, por mudanças climáticas e pela contaminação de suas terras e águas por agrotóxicos que são usados nas fazendas vizinhas.

Localizado no norte do Mato Grosso, o Parque do **Xingu**, como é mais conhecido, é lar de 16 etnias com cinco troncos linguísticos. Algumas habitam a região há quase dois milênios, outras foram incorporadas ao longo dos séculos—até mesmo pela decisão de seus fundadores, os irmãos indígenas Orlando, Claudio e Leonardo Villas Bôas, que trouxeram para a proteção da área demarcada alguns vizinhos dizimados por invasores e doenças.

Esses grupos diversos vivem juntos em um sistema de integração cultural marcado por intenso intercâmbio de rituais e bens, que estabeleceu uma cultura xingua.

Ao decretar sua criação, em 1961, o presidente Jânio Quadros atendeu ao clamor popular de uma campanha nacional capitaneada por dez anos pelos irmãos Villas Bôas.

Foi na gestão dos Villas Bôas, primeiro em nome do Serviço de Proteção aos Índios, o extinto SPI, e depois de sua sucessora, a Funai (Fundação Nacional do Índio), que se formaram os mais tradicionais líderes xinguanos ainda vivos.

Ao administrar suas comunidades, esses caciques lidam ao mes-

mo tempo com a tradição dos ritos e do modo de vida antigos e a pressão do consumo de produtos e serviços da cultura urbana.

Uma outra preocupação é a presença de agrotóxicos nos rios e em suas terras. Os sinais de contaminação cresceram recentemente, com a aproximação ainda maior de fazendas de soja das divisas do parque (leia mais às pág. 2 e 3).

Por habitarem áreas fronteiriças, os índios **kisédjês**, da Terra Indígena **Wawí**, têm sido os mais afetados. Sem cheiro de veneno no ar e nas águas, detectam mudanças no gosto dos peixes e veem animais mortos, com o estômago cheio de soja.

Por isso, eles procuraram a ajuda de parceiros e cientistas. O programa **Xingu**, do ISA (Instituto Socioambiental), foi acionado e contou o biólogo Franco Antônio Lima, que fez mestrado na UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso) sobre a presença de agrotóxicos em áreas da Terra Indígena **Maraiwatsede** (MT).

Ele concentrou os primeiros levantamentos na área fronteiriça às fazendas de soja, onde moram os **kisédjês**, para depois estudar a região dos **kukuro**. Em investigação anterior, em terras dos **xavante**, Lima detectou sinais de uso criminoso de agrotóxicos, como galões abandonados abertos junto a poços de água.

As análises da qualidade da água foram feitas pela Unifesp, que colheu amostras de chuva, de rios com

nascentes fora do parque, de córregos que nasceram dentro da terra indígena, coletadas a 40 km da fazenda mais próxima, e de poços profundos implantados pelo Ministério da Saúde nos últimos anos, exatamente para evitar o consumo do líquido cada vez mais poluído.

Os resultados estavam previstos para serem entregues aos índios neste mês de abril, para só depois serem divulgados ao público. A chegada da pandemia de coronavírus à região adiou tudo.

O médico sanitaria Rodrigues, da Unifesp, também aguarda com apreensão esses resultados.

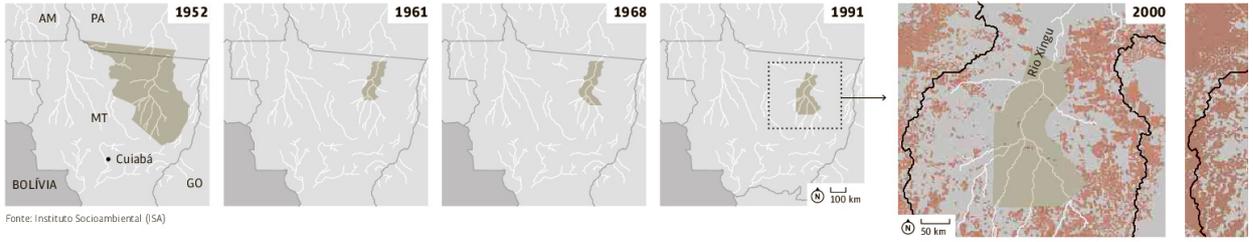
Em suas andanças pela área, ele conta ter visto muitos sinais de agrotóxicos. Há forte impacto nos rios: os índios descrevem a presença de peixes mortos e estranho, especialmente no **Tanguro**, que nasce fora dos limites do parque e passa pela cidade de Querência (MT). Na beira desse rio, um sentigosto estranho na água", afirma.

A suspeita de que os agrotóxicos possam contaminar a terra indígena vem também do fato de que as regiões agrícolas em torno do **Xingu** são palco de diversos casos já documentados de contaminação sistêmica das pessoas, como narra o dossiê "Um Alerta Sobre os Impactos dos Agrotóxicos na Saúde", publicado pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e pela Fiocruz, em 2015, entre outros estudos.

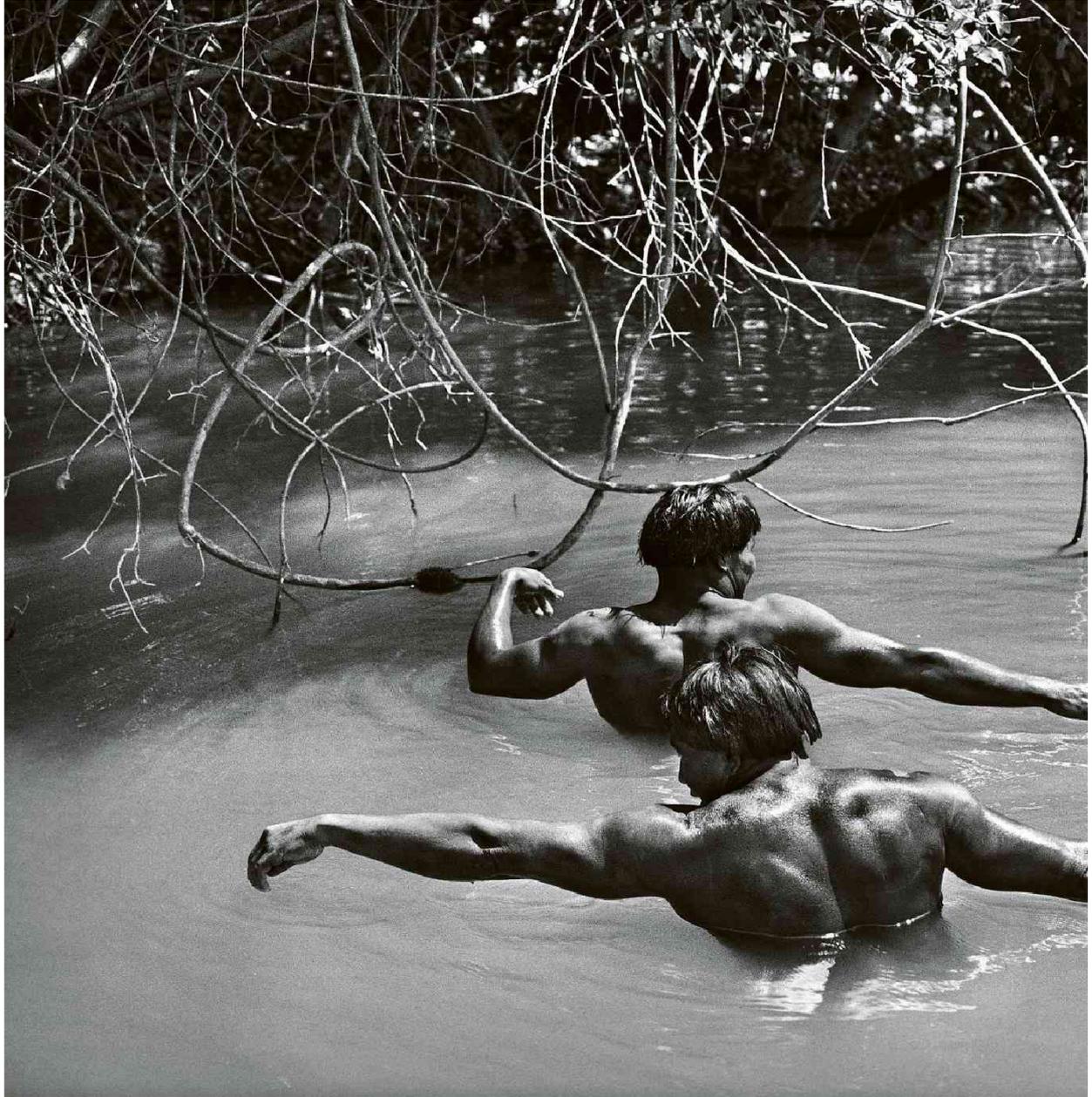
Sebastião Salgado na Amazônia

O Parque Indígena do Xingu foi concebido em 1952, criado em 1961 e mudou de fronteiras em 1968 e 1991

Evolução do desmatamento na bacia do Xingu



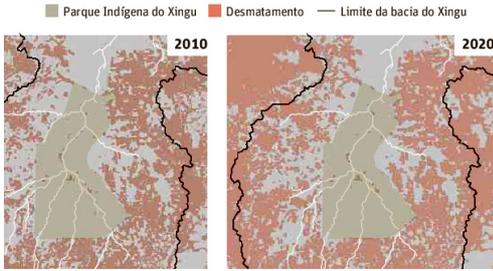
Fonte: Instituto Socioambiental (ISA)



Dois índios **waurás** puxam rede de pesca na lagoa **Piyulaga**



À esq., índios **kamaiurás** levam rede para pescar antes da festa **Yamurikumã**; ao centro, **waurás** recolhem aguapé para fazer o 'sal de índio', tempero vegetal; e, à dir., **Pirakumã Kamaiurá** traz mais



peixes para a celebração das mulheres



As irmãs Rosana e Renata, kamaiurás, com um peixe pirarara recém-pescado

Terra indígena é hoje ilha de floresta cercada por soja

Viagem de 5 horas de carro para chegar a aldeias mostra desmatamento radical provocado por plantações do grão

CANARANA (MT) O Xingu tem muitas entradas. As mais usadas passam por cidades que nasceram e cresceram vertiginosamente nas últimas décadas, como Canarana, Feliz Natal, Gaúcha do Norte, Lucas do Rio Verde, Marcelândia, Querência, São José do Xingu e Sinop. Todas são referência na produção de soja e delas saem estradas para diferentes aldeias do território. Por ar ou terra, a viagem é reveladora do desmatamento radical das áreas do entorno pelas fazendas da monocultura.

Levantamento da Rede Xingu + publicado pelo ISA (Instituto Socioambiental) no início de abril mostra que, nos dois primeiros meses de 2020, 10 milhões de árvores foram derrubadas ilegalmente na porção mato-grossense da bacia do Xingu, o equivalente a 84% do desmatamento na região entre janeiro e fevereiro. Ao sul do parque, Canarana é a cidade mais próxima de onde vivem os índios kalapalos, kamaiurás, kuikuros, waurás e yawalapitis, moradores da área chamada de Alto Xingu (o rio corre do sul para o norte). O caminho usual leva por terra até a aldeia dos kalapalos, às margens do Culuene, e de lá a viagem segue de barco a outras comunidades.

São cerca de cinco horas de estrada de terra atravessando o deserto de soja, cortado por fazendas com placas que destacam nomes de proprietários como os ex-governadores Iris Rezende (GO) e Blair Maggi (MT). Como a eliminação das florestas torna os ventos mais fortes, as sedes precisam de proteção. Por isso, são cercadas de uma pequena mata, algumas de reflorestamento com eucalipto, formando uma palicada em volta dos sítios e casas. Não é possível deixar de notar o paradoxo da eliminação radical da floresta original e a necessidade de plantar árvores exóticas para proteção.

Logo volta o horizonte que parece infinito de soja absoluta. Com as melhores terras do mundo, o Mato Grosso em volta do Xingu é hoje todo dedicado à produção da commodity. Quase cinco horas de estrada depois, tem início uma floresta, que parece ter sido desenhada com régua, de tão exata em seus limites. Logo as placas da Funai (Fundação Nacional do Índio) avisam que ali começa a Terra Indígena do Xingu. Mais uns tantos quilômetros e chegamos à aldeia Aihá, dos kalapalos, com acesso ao rio Culuene. Chegar pela primeira vez a uma al-

deia xinguana provoca uma espécie de deslumbramento: as casas são imponentes, com altura de três andares, e sua disposição segue um rígido plano urbanístico. Elas são construídas formando um círculo em torno de um pátio central.

São grandes ocas com cobertura de sapé até o chão. Cada construção abriga uma família, em torno do dono da casa e seus filhos.

Ao centro, há uma construção menor, a casa dos homens, onde eles se reúnem para rituais, trocar ideias e tratar de assuntos de interesse coletivo. Nessas casas são guardadas as flautas que só os homens podem ver e manipular.

Uma vista aérea permite notar que as aldeias xinguanas têm o traçado sempre idêntico, como se fossem círculos cortados por uma cruz. Elas se localizam próximas de lagoas ou rios, onde os índios buscam água. E ao seu redor há roças plantadas e pomares, ricos em espécies frutíferas. As aldeias atuais parecem miniaturas das cidades que os arqueólogos têm identificado em escavações recentes.

As lagoas são tão importantes para sua localização que frequentemente as aldeias são batizadas com seus nomes, como Piyulaga, dos waurás, e Ipavu, dos kamaiurás.

Dentro da estrutura dessas aldeias, quando as crianças chegam à adolescência, elas vivem longos períodos de recolhimento.

O das meninas começa na primeira menstruação e dura um ano ou um pouco mais. Elas são alimentadas pela mãe e aprendem as técnicas das atividades femininas (cozer redes, trançar esteiras, processar os alimentos). Elas só saem de casa à noite, para se banhar, e não cortam o cabelo. Quando chega a festa do Kuarup, as jovens mulheres ganham um novo nome e são apresentadas à sociedade.

Já os rapazes aprendem técnicas das atividades masculinas, entre elas confeccionar objetos reservados para os homens, como flechas e cocares, trançar cestos de palha e fazer pentes, e sobretudo treinam intensamente para se tornarem bons lutadores. Podem ficar recolhidos por até mais de um ano, como o líder Afukaká Kuikuro, 64, que ficou quatro anos afastado em preparação para se tornar cacique.

Nos períodos intermediários, os pais vigiam os filhos para que eles não tenham relações sexuais: o pro-

toloco xinguano prevê que um jovem só deve fazer sexo depois que se tornar um hábil lutador.

Os casamentos nas etnias do Xingu têm por tradição acontecerem entre primos cruzados: os jovens devem se casar preferencialmente com filhos de irmãos do pai ou de um irmão da mãe; os irmãos do pai são como pais, e as irmãs da mãe, mães (seus filhos, portanto, são como irmãos).

Quando uma filha se casa, o marido se muda para a casa dos sogros. Ao terem filhos, o casal vai para a oca de origem do marido.

Ao mesmo tempo, é prestigioso para um líder ter várias famílias sob seu teto, o que aumenta os braços para suas roças, por exemplo. Por isso, muitos casais, com filhos, seguem vivendo na oca dos pais.

Gisele Bündchen fez campanha contra contaminação da água

Há vários anos, a poluição das águas da bacia do Xingu chama atenção dos índios e seus parceiros e de personalidades da sociedade civil. Em 2006, a top model Gisele Bündchen foi garota-propaganda da campanha "Yikatu Xingu" (salve a água boa do Xingu).

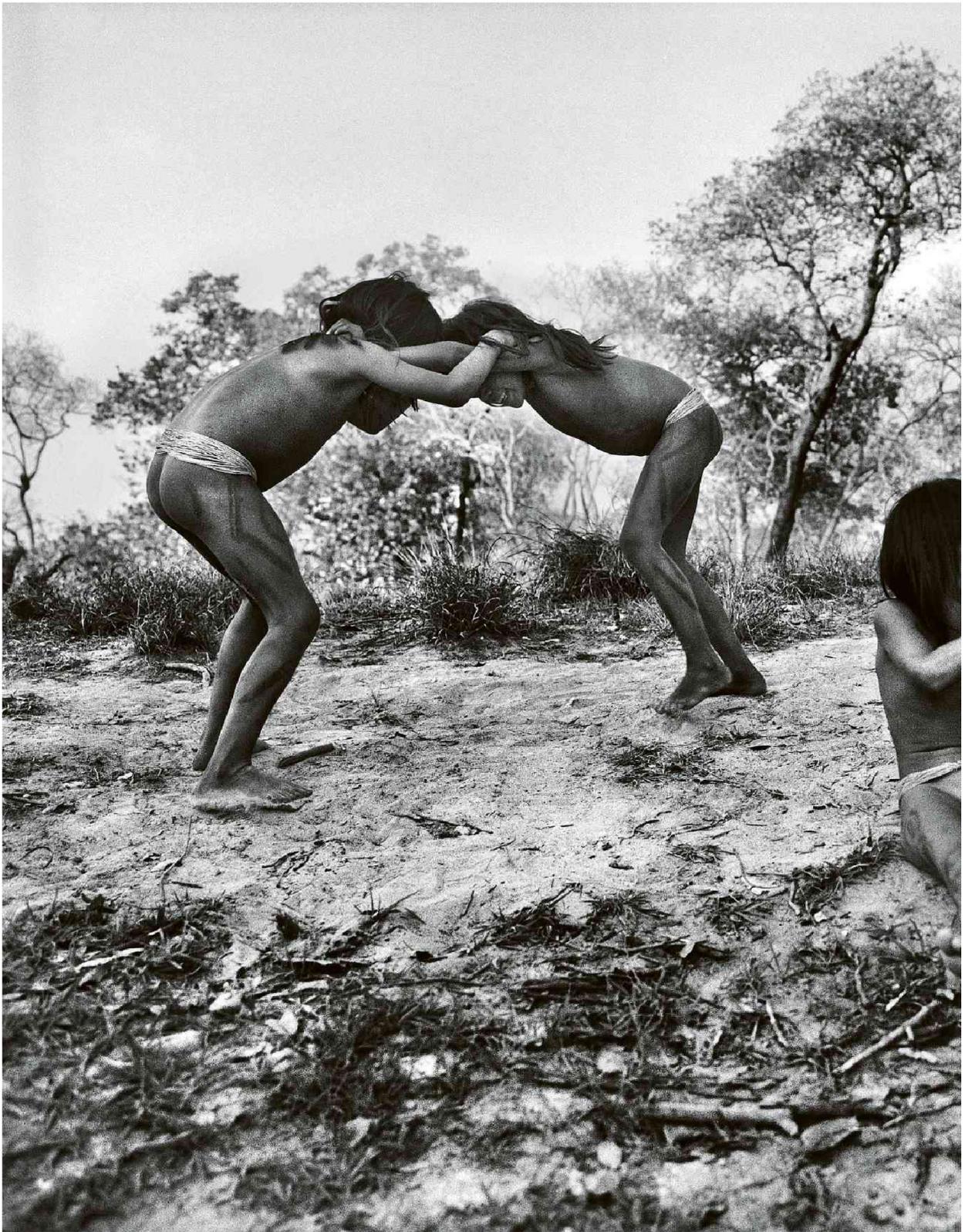
Ao longo das décadas, desde a campanha original para a criação da reserva indígena, em meados dos anos 1950, o território foi reduzido, deixando para fora de seus limites as nascentes dos rios.

Além da devastação das matas em volta do parque, as águas cruzam municípios que não tratam esgoto, e os governos estadual e federal permitiram a construção de dezenas de hidrelétricas de diferentes tamanhos. O resultado é o assoreamento dos rios e a redução dos estoques de peixe.

Além do desmatamento e da poluição que afetam a área, diversos projetos de infraestrutura, como novas rodovias e duas ferrovias para o escoamento de grãos, estão em estudo avançado. Localizados fora da terra indígena, dois sítios arqueológicos com pinturas rupestres, considerados sagrados pelos índios e tombados pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), estão no traçado inicial da rota prevista dessas vias.

Leão Serva

Sebastião Salgado na Amazônia



Mapulu Kamaiurá com sua bebê Mapulu Neta no colo e a sobrinha Telma ao lado; ela é filha da pajé Mapulu Kamaiurá e deu à menina o mesmo nome da mãe, como reza a tradição kamaiurá

Diabetes, obesidade e pressão alta preocupam médicos

Xinguanos incluíram em suas dietas comidas típicas das grandes cidades e desenvolveram doenças dos brancos

CANARANA (MT) A chegada da epidemia de coronavírus e a contaminação do território por agrotóxicos não são as únicas ameaças à saúde dos índios da Terra Indígena do Xingu. Hoje, há também grande preocupação com o crescimento dos casos de diabetes (doença caracterizada por excesso de açúcar no sangue ou hiperglicemia), provocado pela mudança dos hábitos alimentares tradicionais ao longo principalmente das três últimas décadas.

Não se trata de um problema exclusivo dos xinguanos. É um fenômeno estudado entre índios das três Américas e, no Brasil, se revela particularmente grave entre os xavantes, habitantes do mesmo Mato Grosso.

Até meados dos anos 1980, não existiam na Terra Indígena do Xingu casos de diabetes, obesidade e

hipertensão. Isso ficou comprovado por um estudo realizado em diversos países para medir a relação entre o uso do sal industrial e a incidência de pressão alta, denominado Intersalt. No Brasil, foram estudados os xinguanos e os ianomâmis. A Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) participou da pesquisa, com o levantamento sobre os xinguanos. Na época, os dois grupos brasileiros não tinham registros de pressão alta, obesidade e diabetes.

Cerca de 15 anos depois, um novo estudo foi realizado no Xingu e apareceram vários casos de excesso de peso, mas apenas dois de diabetes. Agora está sendo feito um novo levantamento, e a pesquisa já aponta 70 ocorrências de diabetes e muitas outras de excesso de peso.

"É um problema crescente", diz o



Aldeias fazem 'sal de índio' que não aumenta a pressão

CANARANA (MT) Ao servir um prato de peixe ao convidado, o cacique Afukaká, líder **kuikuro**, pergunta: "Você não quer experimentar o 'sal de índio'?", e passa o pequeno prato cheio de um pó claro, mas não branco, mais parecido com uma farinha de cor acinzentada.

"Ele é saudável, não dá pressão alta", explica o cacique.

O sal a que ele se refere é um produto tradicional da cultura xingüana, feito à base de folhas de uma planta. Diferentemente do sal industrial, de sódio, o "sal de índio" é composto de potássio, que não tem efeito deletério para a pressão sanguínea.

O sal industrial, composto de cloreto de sódio, é a maior causa de hipertensão na população brasileira.

"Existe uma parcela de hipertensão de origem familiar, mas o brasileiro consome sal em excesso: em média 12 gramas por dia, enquanto o recomendado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) é cinco gramas diários. Além disso, no Brasil, é mais difícil reduzir esse excesso porque 75% do consumo vem de produtos industrializados", explica Dante Fanganelli Senra, que é médico cardiologista.

Todas as etnias xingüanas produzem o seu sal vegetal, mas os índios **awetis** têm o mais desejado; o condimento é uma de suas contribuições para a troca de produtos, elemento organizador do sistema cultural xingüano.

O sal vegetal é feito a partir do processamento das folhas do **aguapé**, uma espécie aquática que prolifera na superfície das lagoas locais. A planta boia, com as folhas visíveis, e a raiz, submersa.

A produção do condimento é uma atividade feminina e leva vários dias. As mulheres entram na lagoa e tiram as folhas do **aguapé** que estão fora da água, sem comprometer as raízes. Isso ocorre apenas em algumas épocas do ano, para que as plantas se regenerem.

As folhas coletadas são postas ao sol para secar, em uma superfície que fica na margem da lagoa. Depois de alguns dias, já secas, elas são queimadas em uma fogueira.

As cinzas resultantes são misturadas com água e levadas ao fogo em uma grande panela. Quando a água está praticamente seca, a panela é tirada do fogo para terminar a evaporação.

O resultado é um pó branco, usado para salgar o peixe já pronto, na hora de comer (não é adicionado ao processo de cozimento do alimento).

Além dos **awetis**, os produtores mais reconhecidos são os **waujas** e os **mehinakos**. O sal é trocado ritualmente durante a festa do **Kuarup**.

Produção de mel, óleo e chocolates gera renda para os índios

Há vários anos surgiu na prateleira de suprimentos gourmet de mercados em São Paulo uma nova iguaria: o mel do **Xingu**. Orgânico, produzido com mel de abelhas da selva local, ele é mais caro do que os concorrentes, garantindo receita para comunidades da terra indígena.

O mel faz parte de uma série de projetos de geração de renda com produtos feitos com a cultura tradicional xingüana, e dos quais uma parte marginal é revertida para o comércio nas grandes cidades. O sucesso do mel gerou outros parentes, produzidos em parceria com o ISA (Instituto Socioambiental) e apoio da União Europeia e do Instituto Atá (do chef Alex Atala).

Hoje, o índio do **Xingu** já tem nesse mercado vários itens sendo comercializados. Da vizinha Terra do Meio, por exemplo, saem produtos de babaçu: farinha, castanha e óleo.

Já os índios **kisédjês** produzem óleo e chocolates feitos a partir do pequi, fruta típica do Cerrado; o óleo é usado também por indústrias de cosméticos, do Brasil e dos EUA. **LS**

médico sanitarista Douglas Rodrigues. "Há grande preocupação, porque a diabetes é diferente de outras doenças para as quais temos remédios, como malária. A hiperglicemia é crônica e causa múltiplas lesões: no olho, nos rins, nas extremidades. E hoje já é o principal problema de saúde pública no Xingu", diz.

A ocorrência dessa doença entre indígenas de todo o planeta, quando adotam dietas industrializadas e ricas em açúcar, vem sendo estudada há várias décadas.

O que os cientistas notam é que, ao adotar comidas típicas dos brancos, os índios desenvolvem mais diabetes do que os próprios habitantes das grandes cidades.

Isso se deve a uma característica adquirida pelos indígenas ao longo de muitos milênios seguindo o

mesmo estilo de vida. Eles passam a ter um metabolismo chamado de genótipo econômico, incorporado ao seu padrão genético pelo mecanismo que os cientistas chamam de epigenética (os fatores externos, como o modo de vida, ativam certos genes mais que outros e essa característica passa para as gerações futuras, junto com o material propriamente genético, o DNA).

O genótipo econômico, explica Rodrigues, faz com que os índios absorvam muita energia dos alimentos que consomem, mais do que uma outra pessoa que tenha um estilo de vida diverso. Isso explica por que normalmente os habitantes de sociedades tribais têm ao longo do ano épocas com maior acesso a alimentos e outras em que falta comida. Quando uma roça está sendo de-

envolvida, não produz; quando os rios estão cheios, na época de chuvas, é difícil pescar e até mesmo caçar. Quando têm bons alimentos, os índios tentam absorvê-los intensamente, como se criassem uma reserva para atravessar os períodos de carência. Como sua vida cotidiana exige muito esforço físico, as calorias são consumidas.

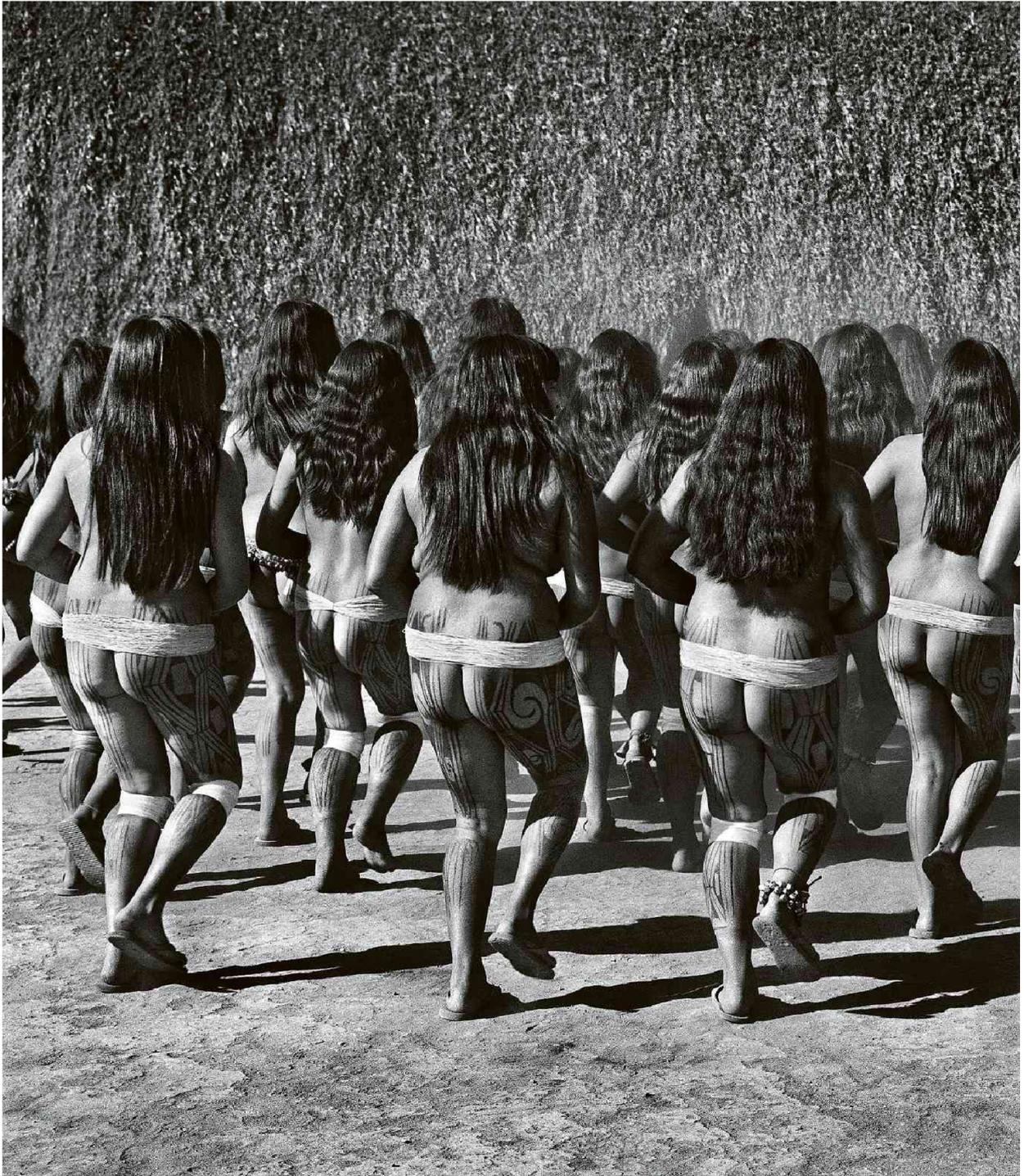
Esse fenômeno ocorreu com os índios **xavantes**, contatados pelos irmãos Villas Boas em 1945. Nos anos 1970, as terras dos **xavantes** tinham sido invadidas, e o governo brasileiro destinou a eles várias reservas separadas entre si, com áreas insuficientes para suas sobrevivências, como as denominadas Sangradouro e São Marcos, perto da cidade de Barra do Garças (MT). Ao mesmo tempo, a Fundação Nacional do Índio in-

centivou a troca da agricultura tradicional (mandioca) por arroz, cujo excedente supostamente poderiam vender. O resultado foi a mudança dos hábitos alimentares. Os **xavantes** têm índices de diabetes semelhantes aos índios pima norte-americanos (27% da população, quando a média brasileira é 9%).

A incidência da doença no **Xingu** é baixa comparada à dos **xavantes**: cerca de 3%. Mas o crescimento é progressivo, partindo de zero há pouco mais de 30 anos. E, em várias aldeias do território, o índice de pessoas com excesso de peso já chega a 50%. "Temos feito campanhas para a redução do consumo de açúcar e preparamos os agentes de saúde para estimular constantemente o controle", afirma Rodrigues.

Leão Serva

Sebastião Salgado na Amazônia



Índias da etnia **kuikuro** dançam na **Yamurikumã**, na aldeia **kamaiurá**; a festa é a única ao longo do ano dedicada às mulheres

Conheça as festas

Jakuí Ritual das flautas sagradas que espíritos antigos deram aos homens. É um rito exclusivamente masculino. Os instrumentos são guardados na casa dos homens, no centro da aldeia. As mulheres devem ficar em casa

Javari Celebra a morte de um campeão no jogo de dardos. Guerreiros fazem campeonato de lançamento de dardos

Kuarup Homenageia mortos do último ano. Guerreiros de várias comunidades lutam o **huka-huka**, e as adolescentes saem do isolamento de um ano após a primeira menstruação

Tawarawanã Tradicional dos índios **trumai**. Ao som de cantores, homens e mulheres dançam

Yamurikumã Na "festa das mulheres", elas dominam a aldeia, como no mito em que formam uma sociedade exclusivamente feminina



Da esquerda para a direita, **Loli**, **'Sueti'**, **Arumanu** e **Tupi**, jovens **kamaiurás**

Salgado prepara projeto 'Amazônia' para 2021

As viagens de Sebastião Salgado às comunidades do **Xingu** fazem parte do trabalho de documentação da Amazônia que o fotógrafo realiza desde 2013 e que deve ser reunido em exposição e livro previstos para lançamento em 2021.

"Amazônia" dá sequência a uma série de projetos de reportagens fotográficas que Salgado produz desde o final dos anos 1980, como "Trabalhadores", sobre o fim de formas de trabalho manual diante da nova revolução tecnológica, e "Êxodos", que trata das migrações. O projeto atual documenta populações indígenas e paisagens do bioma que originalmente ocupava mais da metade do Brasil. **A Folha** acompanha as viagens do fotógrafo brasileiro radicado em Paris para as reportagens da série "Sebastião Salgado na Amazônia". Desde dezembro de 2017, foram publicados cadernos sobre os índios **korubos**, **ashaninkas**, **suruwahás**, **yawanawás**, **marubos**, **ianomâmis** e, agora, os do **Xingu**, e também mostrando o garimpo de Serra Pelada.

Festejos ajudaram a fixar imagem do Xingu

Diversas celebrações tomam aldeias ao longo do ano, de homenagens aos mortos a competições esportivas

CANARANA (MT) O Xingu é uma festa. Ou muitas festas. Sua imagem pública foi impregnada na memória brasileira principalmente a partir dos anos 1950, com coberturas de grandes eventos por meios de comunicação. Nessas celebrações, centenas de índios, de várias etnias, se reúnem, com os corpos pintados e cheios de adornos, para disputas esportivas ou danças em festas como **Kuarup**, **Javari**, **Yacui** e **Yamurikumã**.

A cena é feérica: várias centenas de índios se batem no **huka-huka**, uma luta semelhante à greco-romana, em que o vitorioso imediatamente passa a outro adversário até terminar o enfrentamento entre duas comunidades. Em seguida, os anfitriões começam a lutar contra outra aldeia e assim sucessivamente, até que, ao meio-dia, os locais estão extenuados. O campeão é o guerreiro que atravessou o dia sem ser vencido.

Depois das lutas e das comemorações dos campeões, a comunidade anfitriã apresenta as adolescentes que acabam de sair do isolamento de um ano, após a primeira menstruação. As jovens, que moraram todo o tempo no escuro de suas casas, sem cortar os cabelos, saindo apenas à noite para se banhar, deixam suas casas conduzidas por homens que tocam longas flautas.

Esses rituais se referem a mitos antigos que contam a história dos povos, e sua realização atualiza aquelas cenas e o que elas ensinam. É assim que os encontros regulares de diferentes comunidades viabilizam os intercâmbios culturais e de bens que são a essência do chamado sistema xinguanos, que há séculos garante convivência pacífica e homogeneidade cultural entre as etnias.

As festas têm semelhança com outros casos conhecidos de integração entre povos diferentes do planeta. Os mais famosos são os gregos antigos, com os Jogos Olímpicos, que realizavam uma espécie de substituição pacífica das guerras.

Mais famosa e visível em todo o calendário xinguanos, o **Kuarup** é a festa para celebrar os mortos. Funciona como um segundo ritual fúnebre, sempre na época da seca (ali chamada de verão, por ser mais quente, mas que corresponde ao inverno do hemisfério Sul).

Diante da morte de um líder importante, a comunidade avisa às demais que realizará um **Kuarup**. Os moradores terão que acumular muitos peixes e comida para alimentar todos os visitantes, por isso a preparação leva várias semanas.

O mito diz que no começo dos tempos, um demiurgo, chamado **Mavutsini** (em **kamaiurá**) ou **Kuamuti** (em **yawalapiti**), criou os primeiros humanos a partir de troncos de madeira e, quando alguns deles morreram, os ressuscitou usando novos troncos. Depois de fincados no centro das aldeias, ele pedia que todos se recolhessem às suas casas, sem olhar o que acontecia, e começava a cantar. Após duas ou três noites, os mortos tinham renascido. Mas um índio curioso teria bisbilhotado tudo e, por isso, não haveria mais renascimentos, apenas festas comemorativas.

Vários animais míticos se envolveram no rito primordial de **Mavutsini** levando os lutadores a fazerem em seus corpos pinturas de bichos.

Um **Kuarup** começa com a homenagem aos mortos. No centro da aldeia, junto à casa dos homens, troncos pintados e enfeitados com adornos humanos representam os faleci-

dos do último ano. As pessoas, começando pelos moradores locais, choram longa e profundamente, como se presenciassem o próprio morto, ao mesmo tempo em que vão sendo pintados com **urucum** vermelho e **jenipapo** preto. O corpo todo é besuntado em óleo de pequi, o que o deixa escorregadio, impossível de ser agarrado por outro lutador.

Os convidados de outras etnias acampam próximos à aldeia que promove o **Kuarup**. Ali, recebem comida e presentes, enquanto esperam sua vez de chegar ao centro da aldeia e também chorar.

Na manhã seguinte começam as lutas e, mais tarde, a apresentação das novas adultas. Antes que os visitantes regressem com mais presentes e comida para a viagem, os troncos são jogados no rio ou na lagoa.

Outro grande evento do calendário xinguanos é o **Javari**. É uma espécie de campeonato de lançamento de dardos no qual se celebra um grande campeão que acaba de morrer. Guerreiros de diferentes aldeias se enfrentam; os dardos também são lançados contra modelos humanos feitos de madeira. A competição se reveste de uma gravidade que remete a uma guerra arcaica. Os competidores se provocam mutuamente, as brincadeiras exalam agressividade.

Em um ensaio clássico da etnologia brasileira, "Os Índios de **Ipavu**", sobre os **kamaiurás** (o título refere-se à lagoa perto de sua principal aldeia), a antropóloga Carmen Junqueira destaca a dualidade entre **Javari** e **Kuarup**: a primeira "marca expressamente a identidade de cada grupo", enquanto, na segunda, "os índios identificam-se como "alto-xinguanos", "acima de suas peculiaridades culturais".

Em todas as festas xinguanas, entre os adereços usados por homens e mulheres, chamam a atenção as amarrações feitas de grossos fios de linha, nos tomzelos, Joelhos e braços, que têm também função de ressaltar os músculos. Elas são mais uma maneira como os índios procuram "fabricar" o corpo (a expressão é do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, em ensaio sobre os **yawalapitis**), buscando a implantação de formas culturalmente admiradas.

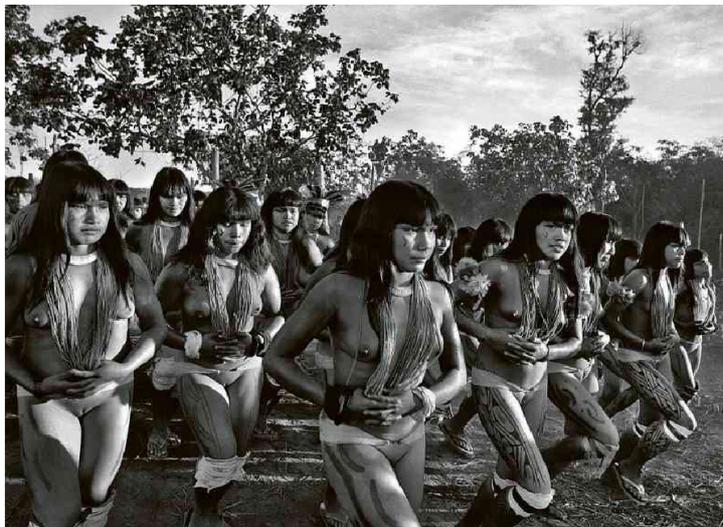
Até Anderson Silva no auge da carreira penou para lutar huka-huka

A luta do **huka-huka** começa com os dois guerreiros ajoelhados. Eles se aproximam com o peito e os braços projetados para a frente e se batem para tentar tocar a parte de trás da perna do adversário ou mesmo agarrá-la para que ele caia. É uma técnica única, que desperta curiosidade de campeões de outras lutas.

No auge da carreira de campeão de MMA, Anderson Silva aceitou o desafio de aprender a luta típica do Xingu. Em 2012, o lutador foi à aldeia de **Ipavu**, dos **kamaiurás**, e ali aprendeu o **huka-huka**. Seu professor foi Were Kamaiurá, que naquele ano detinha o título de maior vencedor do Xingu — o que lhe dava o direito de levar presa ao cinto a carcaça de um pássaro xexéu morto.

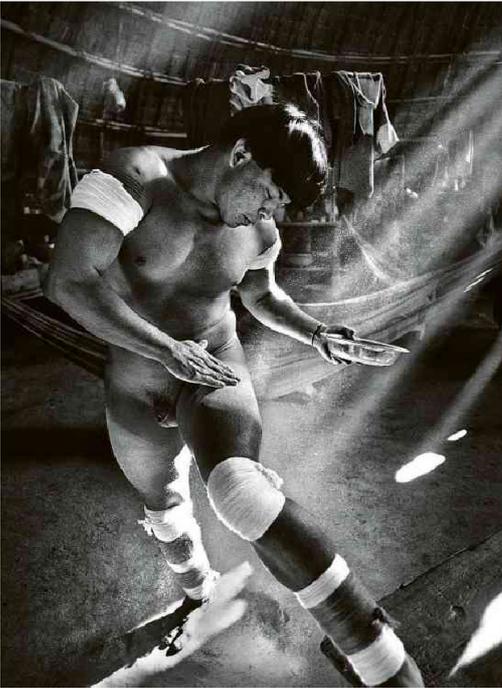
Quando chegou a hora de lutar, Silva foi derrotado em segundos nas primeiras rodadas. Mas depois de alguns embates conseguiu derrubar os melhores xinguanos.

Leão Serva

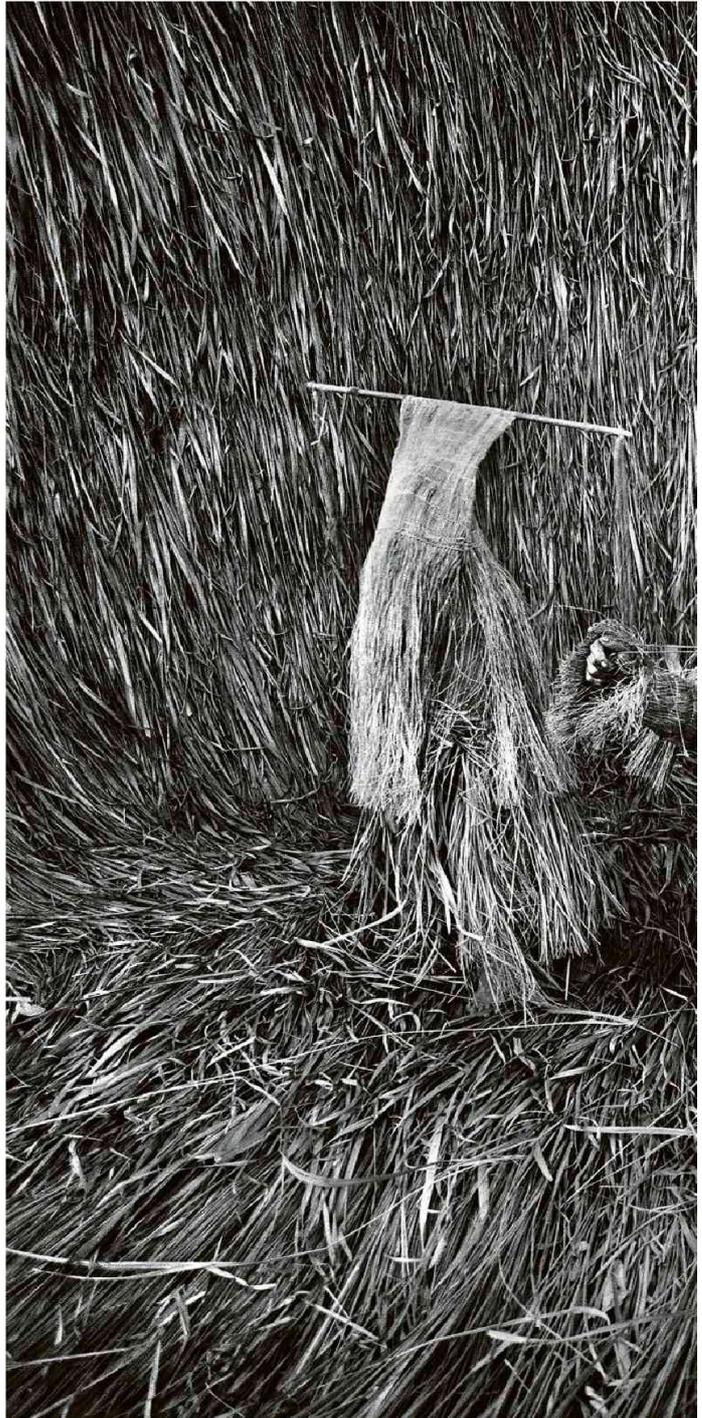


Mulheres **kuikuro** dançam enquanto se aproximam da aldeia **kamaiurá**, para a festa **Yamurikumã**

Sebastião Salgado na Amazônia



Mayaru Kamaiurá molda o corpo com linhas e se pinta para festa das mulheres; abaixo, Rosana Kaitaló Kamaiurá é pintada para a festa das mulheres, Yamurikumá



Líderes lutam para preservar cultura

Caciques e pajés tentam manter tradições com mais jovens e conservar seus territórios

CANARANA (MT) O Xingu entrou no imaginário brasileiro em meados do século 20, com a intensa cobertura pela imprensa da Expedição Roncador-Xingu, organizada durante o final do governo ditatorial do presidente Getúlio Vargas (1937-1945) para explorar o coração do país.

Logo se destacaram no noticiário três irmãos, jovens, corajosos e dedicados: Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Bôas.

Eles foram responsáveis pela localização e contato de uma longa lista de povos indígenas, dos xavantes, em 1946, aos krenhakarore, em 1973, passando por kalapalo, kamaiurá, suiá, tsíção e dezenas de outros.

Ao chegarem à cabeceira do rio Xingu, nos anos 1950, os Villas Bôas reconheceram que seus habitantes eram os mesmos descritos pela expedição do etnólogo alemão Karl von den Steinen, no final do século 19. Mas os 3,000 indivíduos, divididos em cerca de 30 aldeias, estavam reduzidos a menos de 700.

As invasões de brancos e suas epidemias estavam extinguindo aqueles índios.

Por conta disso, os três decidiram iniciar uma campanha pela cria-

ção do Parque Nacional do Xingu, uma reserva como ainda não havia no país.

Foram quase dez anos de tramitação do projeto até que, em 1961, o presidente Jânio Quadros decidiu criar o território por decreto, com 2,2 milhões de hectares, um décimo da proposta original.

Leonardo Villas Bôas morreu no mesmo ano de 1961, e seus irmãos foram incumbidos de dirigir a implantação do parque.

Orlando permaneceu no comando até 1978. Embora tenha se afastado há mais de 40 anos da função, ele até hoje é uma referência na memória dos líderes indígenas.

"O Orlando Villas Bôas falava para a gente: 'Quando eu sair daqui, já demarqui a terra de vocês'. Foi assim que ele falou: 'Agora, quem vai cuidar, lutar, são vocês. Vocês vão lutar para defender a terra de vocês daqui para o futuro, quando eu não estiver mais aqui'. Isso foi quando a cidade era muito longe", lembra Afukaká Kuikuro, 64.

Hoje em dia, o cacique diz se preocupar muito com seu povo, sua tradição, com a terra e água da região, já que o desmatamento no Mato Grosso está aumentando.

"O rio Culuene está ficando cada vez mais baixo. Por que está ficando baixo? No ano de 2007, comecei uma barragem para cima do rio, chamada Paranatinga 2. Ela está prejudicando o rio. Quando chega na época seca, a gente não consegue mais andar de barco", afirma.

"Nosso principal alimento é peixe, todos os povos do Xingu comem peixe. O que nós vamos comer quando a água estiver contaminada, como vamos nos alimentar aqui no futuro? O futuro dos meus netos será um sofrimento. Por isso estou lutando."

O cacique diz não gostar do presidente Jair Bolsonaro e de suas recentes declarações sobre os índios.

"Não gosto de seu pensamento, da posição dele. Ele tinha falado: 'Não vamos demarcar terra indígena, vamos transformar eles, para ficarem como a gente, para eles começarem a plantar soja, milho, para se tornarem como a gente, ganhar sua própria renda. Como nós vamos mudar nosso modo de viver?', questiona. "Nós, indígenas, donos da terra, primeiros donos do Brasil. Foi Taúgi (o deus Kuikuro) que fez nossa tradição, nossa música e nossa língua. Como o presidente pode querer obrigar a mudar nossa religião?"



Homens usam máscaras **yakuikatu** (pronuncia-se 'jacuicatu') usadas em festas; a palavra significa 'o bom pequeno jacu', porque o acessório representa um ser sobrenatural (jacu) oriundo das águas

Outra líder que reclama da ação do homem branco na região e que tenta preservar a cultura local é **Mapulu Kamaiurá**, 52, primeira mulher a ser pajé em sua tribo. Seu pai era cacique e pajé, e ela segue o mesmo caminho.

"Quando eu era criança, chovia na época da chuva. Chovia muito, enchia. Nestes dias não, mudou muito o nosso clima. Este ano por exemplo, não está chovendo, está secando. Hoje, os fazendeiros, os madeireiros estão apertando muito a gente. Eles estão ameaçando. No ano passado, tocaram fogo lá nas fazendas e o fogo se espalhou. Queimou a medicina. Por isso, eu fico muito preocupada para que não se queimem nos remédios, as coisas que a gente usa no nosso dia a dia", fala.

A pajé lembra como a mitologia ligada à natureza é importante para os indígenas. "Os espíritos têm casa. Se queima muito a floresta, os espíritos fogem procurando sua casa. Onde tem muita mata, lá que os espíritos chegam, é lá que eles vivem. Se acabar com a floresta, os espíritos não têm mais onde ficar".

Para o cacique **Kotoki Kamaiurá**, 59, manter a tradição cultural de seu povo, principalmente entre os jo-

vens, é uma de suas lutas.

"O papel do cacique é levar coisas boas para a comunidade, conversar e ouvir. O jeito que eu vivo é a minha forma de ser. É assim que a gente deve continuar. Estou pedindo para os meus netos para não deixarem a nossa cultura", diz.

"Antigamente, no tempo do Rondon e do Orlando, eles gostavam, eles cuidavam do nosso território. Hoje, não, hoje a gente está sendo jogado, né? O governo mesmo não está nem aí para isso, não está valorizando que a gente está vivendo, cuidando da nossa floresta".

Segundo o cacique, o rio **Xingu** está morrendo. "Praticamente não tem mais peixe, o rio está secando. Está difícil para nós. Não ganhamos nada com as barragens".

Quando jovem, cacique Aritana deu nome a uma novela da TV Tupi

Há quatro décadas, quando era um jovem guerreiro, o cacique **Aritana** inspirou o nome de uma novela de grande sucesso na extinta TV Tupi.

Além de unir, em um romance que dura até hoje, os dois principais atores, Bruna Lombardi e Carlos Alberto Riccelli, a produção transformou em celebridade nacional o líder dos índios **yawalapitis**.

Antes da vivência mais intensiva dos xinguanos com o português, não havia uma língua comum para facilitar o contato entre as diferentes etnias. Cresceu a influência dos índios que falavam várias das línguas do **Xingu**, como é o caso de Aritana. "Foi natural, para mim, aprender várias línguas", conta.

Nascido em 1950, Aritana também reclama da diminuição dos peixes nos rios. "Hoje, quando precisamos pescar, é só nas lagoas".

No centro de sua **maloca** típica da arquitetura xingwana, a mesa central divide o espaço entre o rádio, para comunicação com outros líderes locais, e uma grande panela de argila com mingau de farinha de mandioca misturada com pequi.

É um refresco que, tomado aos pouquinhos, ao longo do dia, funciona como um energético.

Mandioca e pequi são elementos fundamentais da culinária local. Cerca de 80% das calorias consumidas por um índio do Xingu vêm da man-

dioca. Eles dominam 46 variedades, sendo todas elas "bravas" (naturalmente venenosas).

A semelhança cultural entre as diversas etnias do Alto Xingu homogeneizou muitos costumes, mas algumas diferenças são marcantes.

Ao ver uma fotografia de Sebastião Salgado, que mostra um índio com um jacaré nas mãos, Aritana diz: "Deve ser um **suná**. Você sabia que eles comem carne de jacaré?", me conta como quem aponta uma característica exótica dos outros. Você não come jacaré?, pergunta.

"Nós, **yawalapitis**, **kamaiurás**, **kalapolos**, **kuikuros**, **waurás**, não comemos jacaré nunca", exclama, listando povos do Alto Xingu (leia mais à página 10).

Bruna Lombardi, 68, conta que só aceitou o convite para participar da novela de Ivani Ribeiro porque ela teria cenas rodadas no Xingu.

Na trama de 1978, ela interpretou a veterinária Estela Bezerra, por quem Aritana, filho de uma índia com um homem branco, se apaixonava enquanto tentava defender as terras no Xingu da exploração por fazendeiros. "A gente foi pra lá num momento em que os irmãos Villas Bôas tinham conseguido a demarca-

ção das terras e era quase impossível visitar o Xingu", diz.

A atriz conta que a equipe da produção ficou um mês na aldeia dos **yawalapitis**, no Alto Xingu. "Ainda era uma época de muito pouco contato com os brancos, o que foi bom pra poder vivenciar a vida e o cotidiano nas ocas e a cultura real da tribo. Eu conheci o Ri [Carlos Alberto Riccelli] nesse paraíso terrestre em estado de total encantamento".

Lombardi diz ter convivido muito com Aritana e ter tido uma boa identificação com o cacique. "Logo de cara senti que ele era um líder, alguém de alma nobre, um príncipe, e a gente ficou muito impressionada com ele. Mesmo sem a gente entender o **aruká**, a gente falava português e eles entendiam muitas frases. Havia curiosidade de troca dos dois lados", diz.

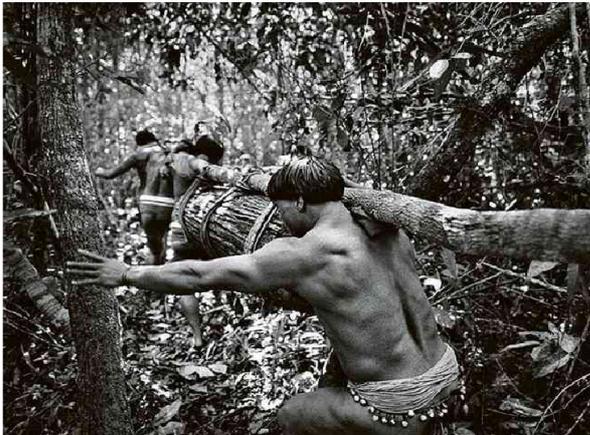
Ela relembra sua rotina na aldeia. "Fomos pescar com eles, participamos das festas, brincamos com as crianças soltas na floresta e sempre felizes. Elas nos puxavam dizendo: 'Vamo banhá?' e iam correndo com a gente pra mergulhar", fala. "Conviver com povos indígenas foi uma experiência transformadora".

Leão Serva

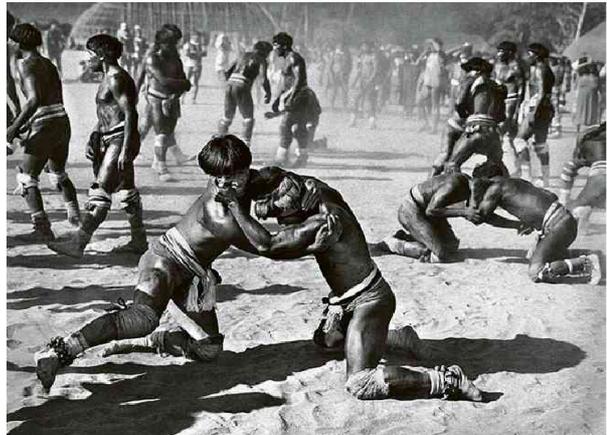
Sebastião Salgado na Amazônia



Tsaná, importante cantor de músicas tradicionais do Alto Xingu, dom que herdou do pai, o mestre Tagukagé; está pintado com urucum para o Kuarup e usa típico colar de casca de caramujos



Durante a festa Kuarup, em homenagem aos mortos, os waurás carregam um tronco que simboliza alguém que partiu; no mesmo evento, guerreiros da tribo enfrentam os kamaurás na huka-huka



Sistema cultural multiétnico foi criado há 2.000 anos

Índios trocam produtos e incorporam elementos de tribos distintas, em vez de realizar a antropofagia com guerras

CANARANA (MT) Cinco séculos antes de o coronavírus atingir o Brasil, o Xingu presenciou os efeitos da pandemia que dizimou os índios das Américas nas décadas posteriores à chegada dos europeus. Estima-se que 90% da população que existia entre a Terra do Fogo e o Panamá desapareceu antes de 1600. Não foi diferente no coração do país, mas não se sabe quais doenças foram responsáveis: varíola, sarampo ou gripe.

No século 18, outra onda de epidemias assolou a região. Foi por is-

so que os primeiros visitantes europeus, no fim do século 19, encontraram uma população de poucos milhares de pessoas que, por sua vez, foi ainda mais reduzida pelos contatos com fazendeiros e garimpeiros no início do século 20.

Não resta dúvida de que havia vastas concentrações de gente, a julgar pelos restos de 25 grandes cidades descobertas, cada uma organizada com uma cruz a dividi-las em quatro zonas e uma muralha de proteção. Há cerca de 2.000 anos, o Alto Xingu

é cenário de um sistema de relacionamento entre povos de diferentes origens, que homogeneizou as culturas e estabeleceu uma forma de convivência estável e pacífica. "Os vestígios mais antigos são de 2.000 e contêm muitos sinais que os ligam à cultura atual dos povos aruak (como os waurás), como a técnica das cerâmicas e a forma das aldeias", diz o arqueólogo norte-americano Michael Heckenberger. "Há a hipótese de que os karibs tenham chegado na mesma época dos aruaks,

mas não encontramos seus vestígios ainda", explica ele.

Os grupos originários desses dois povos criaram um modo próprio de convivência em cidades.

Com a pandemia e o desastre demográfico, houve uma reorganização dos remanescentes. "Minha suposição é a de que após uma grande baixa demográfica, o sistema se recompôs com a fusão de diferentes grupos em aldeias menores", diz o antropólogo brasileiro Carlos Fausto.

Segundo Fausto, os xinguanos estabeleceram padrões de integração e complementaridade econômica por intercâmbios de bens (os waurás fazem potes, panelas e fôrmas de argila; os kamaurás, arco e flecha) e cultural (o Kuarup é originalmente kamaurá, mas hoje todos participam e o mito de origem foi incorporado à mitologia de todos os outros). Também há similaridades arquitetônicas (as aldeias adotaram um padrão de origem aruak e, em seguida, karib).

Os xinguanos, ele diz, são povos que incorporam elementos culturais de outros povos e se integram mutuamente, em vez de realizar a antropofagia por meio de guerra, como fizeram os tupis/jês.

Outra coisa criada pelos xinguanos são as lagoas ao redor das aldeias. Estudos recentes mostram que, há muitos séculos, os lagos e as flo-

restas são produtos da mão humana.

Os sinais do represamento original estão escondidos sob a terra ou a vegetação. Os "pequizesais" e burizais encontrados hoje são restos dos jardins das antigas cidades do Xingu.

Mitos explicam por que xinguanos não comem jacaré nem carne de caça

A dieta fundamental dos xinguanos é formada por peixes e mandioca. Poucos animais são caçados — e apenas na época das cheias, quando é mais difícil pescar.

As razões estão expressas nos mitos que organizam a vida indígena. Um deles associa os animais àquilo que comem. "Como o jacaré come peixes mortos e mesmo em putrefação, consumir esse animal seria a mesma coisa que comer essa comida", o que contaminaria o sangue.

Da mesma forma, evitam as grandes caças, como veados e antas, porque caçá-los pode fazer seu caçador virar uma presa. "Matar o veado seria muito perigoso, porque seu espírito poderia vir se vingando e roubar a alma do caçador", escreve o antropólogo Antonio Guerreiro no livro "Ancestrais e Suas Sombras". Leão Serva